

INFLUÊNCIA DO CONTEXTO FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO VOCACIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

2011

Helena Salsinha

Estudante do Mestrado Integrado em Psicologia
da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Portugal
helena.isabel06@gmail.com

RESUMO

Todos os indivíduos estão em constante desenvolvimento e aprendizagem e, por isso, o conceito de desenvolvimento é uma concepção permanente e fundamental que os acompanha ao longo de toda a sua vida. São desenvolvidas capacidades, competências, gostos, interesses, hábitos, características de personalidade, hábitos, métodos de trabalho, estratégias de acção e de relação com os outros, ou seja, ganham experiências de vida. À medida que os indivíduos se desenvolvem e que conhecem o meio em que estão inseridos podem também orientar o seu desenvolvimento nas varias áreas da sua vida, nomeadamente o desenvolvimento vocacional. Com este trabalho pretende-se dar um contributo para a reflexão e compreensão acerca da influência que o contexto familiar exerce sobre o desenvolvimento vocacional de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Desenvolvimento vocacional, contexto familiar, crianças, adolescentes

1. INTRODUÇÃO

Todos os indivíduos estão em constante desenvolvimento e aprendizagem e, por isso, o conceito de desenvolvimento é uma concepção permanente e fundamental que os acompanha ao longo de toda a sua vida. São desenvolvidas capacidades, competências, gostos, interesses, hábitos, características de personalidade, hábitos, métodos de trabalho, estratégias de acção e de relação com os outros, ou seja, ganham experiências de vida. À medida que os indivíduos se desenvolvem e que conhecem o meio em que estão inseridos podem também orientar o seu desenvolvimento nas varias áreas da sua vida, nomeadamente o desenvolvimento vocacional.

Este pode ser entendido como “*a direcção e sentido que cada individuo confere à sua trajectória de vida no que concerne ao mundo da formação e do trabalho*” (Sousa, 2008). O desenvolvimento vocacional processa-se ao longo da história de vida dos indivíduos e ocorre em múltiplos contextos, sendo o meio familiar o contexto mais significativo e que exerce uma maior influência na trajectória vocacional das gerações mais novas (Gonçalves, 2003).

Com este trabalho pretende-se dar um contributo para a reflexão e compreensão acerca da influência que o contexto familiar exerce sobre o desenvolvimento vocacional de crianças e adolescentes.

2. DESENVOLVIMENTO VOCACIONAL

O desenvolvimento vocacional pode ser globalmente definido como “*a direcção e o sentido que cada individuo confere à sua trajectória de vida no que concerne ao mundo do trabalho*” (Sousa, 2008), ou seja, refere-se às decisões que cada indivíduo toma ao longo da sua vida. Este acarreta diversas teorias em múltiplas orientações conceptuais e metodológicas, que foram variando ao longo da história da Psicologia Vocacional. Com o passar do tempo as perspectivas comportamentalistas e cognitivas cederam o seu lugar a perspectivas mais complexas, que consideravam, de forma mais ampla, o contexto e o desenvolvimento de cada indivíduo (Campos, 1992). Apesar de ser importante reconhecer o contributo que outras perspectivas proporcionaram à compreensão e à transformação da realidade vocacional, as perspectivas construtivista, ecológica e desenvolvimentista surgem como a proposta mais vantajosa e integradora, ao considerarem os projectos vocacionais como algo que não se descobre, mas sim que se constrói, consoante as oportunidades que os contextos histórico-sociais disponibilizam ou impossibilitam (Coimbra, Campos e Imaginário, 1994, cit. por Gonçalves, 1997).

O desenvolvimento vocacional é considerado uma dimensão importante do desenvolvimento psicológico global, pois implica três tarefas que são imprescindíveis para a realização pessoal e a integração psicossocial dos indivíduos: a exploração do mundo da educação ou formação, da qualificação e da preparação para o trabalho. Com isto, torna-se importante esclarecer o valor heurístico de dois processos psicológicos que são responsáveis pela promoção do desenvolvimento vocacional: a exploração e o investimento. A definição da dimensão exploração varia conforme o as diferentes teorias que o abordam, sendo por isso considerado um conceito polémico e multifacetado (Gonçalves, 1997). Segundo Super (1953, cit. por Gonçalves, 1997), o desenvolvimento vocacional era visto como uma sequência de estádios, onde a exploração era considerada um estágio caracterizado pela procura de informação do mundo profissional e das formações. De acordo com Tiedeman e O.Hara (1963, cit. por Gonçalves, 1997) o desenvolvimento vocacional era um processo de tomada de decisão, sendo a dimensão exploração um estágio que antecedia essa tomada de decisão. Apesar da definição da

dimensão exploração variar conforme o enfoque teórico utilizado, as primeiras concepções do desenvolvimento vocacional apresentam elementos que são comuns relativamente ao conceito de exploração, tais como, assumir que a exploração tem um aparecimento tardio, não considerando que a exploração poderá ter início na infância ou na adolescência, considerar o desenvolvimento vocacional um processo linear, não tendo em conta a possível reformulação e reconstrução dos projectos de vida do indivíduo e, por último, não considerar o desenvolvimento vocacional como um processo que ocorre ao longo do ciclo de vida (Grotevant e Cooper, 1988, cit. por Gonçalves, 1997). A partir destas concepções do construto exploração, a exploração vocacional passa a ser designada como um processo psicológico, que ocorre ao longo de toda a vida, em detrimento de ser um comportamento observável, instrumental, de procura de informação ou uma fase do processo de tomada de decisão.

Relativamente ao construto investimento, pode ser definido como a capacidade que os indivíduos têm para manter uma determinada direcção. Este refere-se a uma dimensão que mobiliza o indivíduo para a acção e que apresenta uma conotação afectivo-emocional, ou seja, é algo *“energético e dinâmico que leva o indivíduo a arriscar-se e a comprometer-se consigo próprio na relação que constrói com o mundo”* (Gonçalves, 2006). Já com Gottfredson (1981), o investimento remete para o equilíbrio entre o *self* e o mundo, isto é, entre os projectos pessoais e as oportunidades sociais de que os indivíduos dispõem. A construção da identidade de cada indivíduo manifesta-se através da realização de novos investimentos, renunciando aos anteriores (Marcia, 1966), sendo esses novos investimentos, vistos como um guia significativo da acção que confere segurança interior, promove o conceito de si próprio e a auto-estima. Tanto a dimensão exploração como a dimensão investimento são activadas pelas relações que o indivíduo vai desenvolvendo com o mundo, ao longo da sua vida. Posto isto, e sendo o meio familiar o contexto mais significativo, a qualidade do desenvolvimento vocacional vai depender da qualidade das relações dentro desse contexto.

2.1. Desenvolvimento Vocacional na Infância

A infância é descrita como uma fase onde surgem múltiplas capacidades humanas, como o pensamento, o raciocínio, a linguagem, a comunicação, sendo por isso vista como um período de crescimento e de mudança (Seligman, 1994; Spodek, 2002; Sroufe, Cooper e DeHart, 1996, cit. por Araújo, 2009). Erikson (1963) e Harter (1985, 1998, cit. por Araújo, 2009) afirmam que é nos primeiros doze anos de vida que as bases do ajustamento pessoal e social são estabelecidas, onde a criança começa a adquirir a sua independência, se vai envolvendo com o mundo e onde se torna consciente de si própria. É também neste período que a criança tem uma participação mais activa nos diversos contextos sociais, como a família, o grupo de pares, a escola,

experimentando, assim, vários papéis sociais (Seligman, 1994; Super, Savickas e Super, 1996, cit. por Araújo, 2009).

Nos primeiros anos de vida, as experiências vivenciadas pelo indivíduo contribuem para a construção da sua personalidade que, por sua vez, influencia as posteriores escolhas a nível vocacional. Assim, desde as teorias ditadas por Adler até às reformulações de Roe, que as experiências vividas na infância são perspectivadas como fonte de influência sobre a formação de necessidades, impulsos e motivações (Bordin, 1984, 1990; Bordin, Nachmann e Segal, 1963; Roe, 1957; Roe e Lunneberg, 1984; Roe e Siegelman, 1964, cit. por Araújo, 2009), de valores e expectativas individuais, do estilo de vida (Adler, 1930; Adler, 1931; Watkins e Savickas, 1990, cit. por Araújo, 2009), de sentimentos e competência pessoal (Erikson, 1962, 1982, cit. por Araújo, 2009). De uma forma geral, a escolha vocacional surge, segundo estes autores, relacionada à satisfação de necessidades e motivações inerentes à estrutura individual (Adler, 1990; Bordin, Nachmann e Segal, 1963; Roe, 1957; Roe e Lunneberg, 1984, 1990; Roe e Siegelman, 1964, cit. por Araújo, 2009), sendo a escolha da profissão um reflexo da personalidade, prematuramente moldada aos indivíduos.

2.2. Desenvolvimento Vocacional na Adolescência

Tanto a infância como a adolescência são períodos que a Psicologia da Educação descreve como fases de crescimento, de mudança e de tomadas de decisão, marcados pelo aparecimento de diversas competências humanas, tais como, o pensamento, o raciocínio, a comunicação e o relacionamento interpessoal (Sroufe, Cooper e DeHart, 1996, cit. por Araújo, 2009). Como já foi referido anteriormente, a criança, nos primeiros doze anos de vida, participa mais activamente em diversos contextos sociais, desempenhando múltiplos papéis, o que faz com que, ao transitar para a próxima fase, a adolescência, a criança já tenha a capacidade para responder às expectativas impostas pela sociedade (Seligman, 1994, cit. por Araújo, 2009).

A adolescência é um período de vida onde surgem mudanças físicas e onde se processam transformações psicológicas, em vários domínios, como o domínio cognitivo, interpessoal e de identidade. Tal como em outras fases da vida, a adolescência é vista como um “*processo integrante de desenvolvimento psicológico global dos indivíduos, interligado com a evolução de outras dimensões psicológicas*” (Sprinthal e Collins, 1994, cit. por Ribeiro, 2004). Segundo Vondracek, Lerner e Schulenberg (1986, cit. por Ribeiro, 2004) o indivíduo é visto como o único responsável pelo seu desenvolvimento vocacional, através das interações estabelecidas com os diversos micro-sistemas, como a família, a escola, o grupo de amigos, exercendo sobre eles uma acção transformadora. Por micro-sistema, entende-se “*os contextos imediatos em que se insere a pessoa em desenvolvimento, onde estabelece interações face a face, desenvolve relações*

interpessoais, actividade e onde desempenha determinados papéis” (Bronfenbrenner, 1979, cit. por Gonçalves, 1997).

É durante a fase da adolescência que o sujeito explora o conceito de *self* na identidade vocacional, afirmando que esta fase poderá ser acompanhada por tarefas directamente ligadas ao desenvolvimento vocacional (Savickas, 2002, cit. por Sousa, 2008). Assim sendo, no caso dos adolescentes, que são vistos como indivíduos em pleno processo de construção, é possível afirmar que as suas trajectórias de vida são estabelecidas conforme as relações significativas que vão criando com o seu meio envolvente, sendo que a forma como encaramos desafios do presente e do futuro terá influência sobre a qualidade dessas relações (Campos, 1992).

3. INFLUÊNCIA DO CONTEXTO FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO VOCACIONAL

O desenvolvimento vocacional ocorre em diferentes contextos, sendo o contexto familiar o mais significativo, com incidências determinantes nas trajectórias vocacionais das gerações mais novas. As concepções mais tradicionais do desenvolvimento vocacional consideravam que este era um acontecimento pontual e que ocorria apenas na fase da adolescência. Hoje, sabe-se que o desenvolvimento vocacional é uma tarefa que se vai construindo e reconstruindo ao longo de toda a vida dos indivíduos (Savickas, 2002, cit. por Sousa, 2008).

As investigações de Roe (1957), centradas no domínio das escolhas vocacionais, “*salientam que a natureza das vinculações antecipadas entre pais e filhos modelam a orientação dos sujeitos para o mundo e para o trabalho*” (Gonçalves, 1997). Na sua teoria, Roe propunha que as interacções precoces com as figuras significativas poderiam ser mais determinantes e decisivas na escolha profissional, no entanto, esta teoria não tinha qualquer valor empírico por ser excessivamente determinista, não tendo em atenção os efeitos que ocorrem das experiências vivenciadas ao longo do desenvolvimento (Osipow, 1983, cit. por Gonçalves, 1997).

Até aos finais dos anos 70, a atenção dirigida à investigação acerca da influência da família no desenvolvimento vocacional de crianças e de adolescentes, fora bastante reduzida. Esta situação verifica-se com Super (1980, cit. por Gonçalves, 1997) que, apesar de incluir nas suas formulações uma componente ambiental, onde se inseria a família, a comunidade e a sociedade, reconheceu que estas variáveis eram negligenciadas nas investigações sobre o desenvolvimento vocacional. Foi com as abordagens sociológicas que se compreendeu a importância da influência que os factores ambientais, nomeadamente os pais, o nível sócio-económico da família, o grupo de pares e a comunidade, exercem sobre o desenvolvimento vocacional. No entanto, estes estudos apresentam como principal limitação o facto de se focarem, principalmente, nos resultados, negligenciando o processo de desenvolvimento e limitando a compreensão sobre a

forma como os diferentes contextos influenciam o processo de desenvolvimento vocacional (Friesen, 1986; Schulenberg et al., 1984; Young, Friesen e Person, 1988, cit. por Gonçalves, 1997). Isto acontece porque se partiu do princípio de que o desenvolvimento ocorre de maneira uniforme em relação a todos os sujeitos, independentemente dos contextos de vida, interesses vocacionais e recursos psicológicos, deixando de lado o facto de o sujeito e os contextos onde interage se encontrarem em constante mudança (Grotevant e Cooper, 1988, cit. por Gonçalves, 1997).

3.1. A Influência dos Estilos Parentais

A investigação realizada acerca da influência parental conclui que o estilo parental democrático, através da combinação de exigência e responsabilidade, oferece aos indivíduos um clima familiar harmonioso, estabelece objectivos e promove a independência da criança, criando condições para que esta seja mais activa na sua exploração vocacional (Kracke, 1997, op. cit. Kerka, 2000, cit. por Araújo, 2009). Um estudo efectuado por Way e Rossman (1996, op. cit. Kerka, 2000, cit. por Araújo, 2009), demonstrou que este estilo parental, por influenciar a construção de um ambiente familiar proactivo, poderia levar as crianças a tornarem-se mais autónomas e responsáveis. Este estilo poderia ainda criar condições para aprendizagens em domínios como a tomada de decisão, resolução de conflitos, competências de comunicação e hábitos de trabalho. Relativamente ao estilo parental autoritário, que se caracteriza por ser um ambiente altamente exigente, pressiona a criança a realizar as expectativas dos pais no que respeita à educação e à carreira, levando assim a uma fraca correspondência entre o indivíduo e a escolha vocacional. No que respeita ao estilo parental permissivo, caracterizado por baixa exigência e responsabilidade, as figuras significativas tendem a revelar-se pouco acessíveis no que toca à realização dos interesses da criança, o que inibe o desenvolvimento do conhecimento de si própria, impedindo também a distinção entre os objectivos de carreira dos pais dos da criança.

Um estudo recentemente realizado por Vignoli, Croity-Belz, Chapelan de Filipis e Garcia (2005, cit. por Araújo, 2009) afirmou que uma vinculação segura aos pais, simultaneamente com a expressão de medo de falhar, estava positivamente relacionada com níveis elevados de exploração vocacional. No que respeita a diferenças de género, observou-se que para os indivíduos do sexo masculino os resultados demonstraram que o medo de desiludir os pais estava positivamente relacionado com a exploração vocacional. No caso dos sujeitos do sexo feminino, níveis elevados de ansiedade e um estilo parental negligente estavam negativamente relacionados com a exploração vocacional (Vignoli et al., 2005, cit. por Araújo, 2009).

3.2. A Influência dos Processos de Vinculação

Uma revisão dos estudos centrados na influência parental nas experiências precoces da criança mostra que os processos de vinculação estão relacionados positivamente com o grau de exploração vocacional (Ketterson e Blustein, 1997; Ryan, Solberg e Brown, 1996, cit. por Gonçalves, 1997), o compromisso nos processos de decisão vocacional, o grau de decisão (Blustein, Walbridge, Friedlander e Palladino, 1991; Scott e Church, 2001, cit. por Gonçalves, 1997), o ajustamento ao contexto escolar e, por último, a qualidade das transições vocacionais (Kenny e Donaldson, 1992; Lapsley e Edgerton, 2002; Mattanah, Hancock e Brand, 2004; Lopez e Gormley, 2002; Schultheiss e Blustein, 1994, cit. por Gonçalves, 1997).

O estudo de Blustein, Walbridge, Fiedlander e Palladino (1991, cit. por Gonçalves, 1997) demonstrou que os jovens mais independentes relativamente ao conflito parental e que apresentam percepções de vinculação positivas, registavam uma menor tendência para a exclusão de opções ao longo do compromisso vocacional, demonstravam um maior comprometimento com o seu plano vocacional. Por outro lado, Ketterson e Blustein (1997, cit. por Araújo, 2009) referem que crianças que apresentam crenças de auto-eficácia elevadas, uma progressão positiva na tomada de decisão e níveis elevados de planeamento vocacional, demonstram, normalmente, uma vinculação segura às figuras parentais. Este estudo revelou também que os indivíduos com vinculação segura aos pais demonstram níveis mais elevados de exploração do mundo profissional e de auto-conhecimento.

É comum afirmar-se que a adolescência é uma fase de construção da identidade e de transição para a idade adulta. É também descrita como um período em que o conflito entre pais e filhos é compreendido como um processo natural de desenvolvimento, que permite ao adolescente diferenciar-se das figuras parentais, facilitando o investimento emocional fora da família. No entanto, os dados obtidos através da realização de várias investigações permitem afirmar que uma vinculação segura aos pais não impossibilita a autonomia e a separação dos adolescentes e jovens, pelo contrário, constitui uma base segura desse mesmo processo.

A teoria da vinculação é importante para o desenvolvimento vocacional uma vez que, por um lado, da qualidade da vinculação pais-filhos irá depender a promoção de autonomia ao longo do desenvolvimento vocacional (Ainsworth, 1989; Grotevant e Cooper, 1985, 1988; Youniss, 1983; Youniss e Smollar, 1985, cit. por Gonçalves, 1997), por outro lado, a qualidade das vinculações construídas com as figuras significativas vai influenciar o processo de construção da identidade, que ocorre simultaneamente com o desenvolvimento psicológico global e o desenvolvimento vocacional (Blustein et al., 1989; Blustein et al., 1991; Lopez e Andrews, 1987; Lopez et al., 1992, cit. por Gonçalves, 1997).

3.3. A Influência do Ambiente e do Apoio Familiar

A atmosfera familiar, que inclui o estilo parental e o apoio e a orientação parental, têm sido alvo de investigação, particularmente no que diz respeito ao modo como os indivíduos aprende e se relaciona com o mundo do trabalho (Kerka, 2000, cit. por Araújo, 2009). O apoio e a orientação parental referem-se a estímulos específicos quanto às escolhas educacionais e de carreira, bem como às experiências que apoiam o desenvolvimento vocacional. Neste sentido, um estudo realizado por Hargrove, Inman e Crane (2005, cit. por Araújo, 2009) com alunos do ensino secundário, demonstrou que o grau em que os membros da família são encorajados a expressar os seus sentimentos e problemas, ou seja, a qualidade da relação familiar, está interligada às atitudes face ao planeamento da carreira.

Seligman, Weinstock e Ownings (1988, cit. por Araújo, 2009), efectuaram um estudo acerca do papel das dinâmicas familiares no desenvolvimento vocacional de crianças de cinco anos. Os dados obtidos com esse estudo, que tinha como principal objectivo demonstrar a importância da existência de um clima familiar positivo para o desenvolvimento vocacional, indicaram que crianças provenientes de famílias com um ambiente positivo tinham possibilidades para obterem mais informação sobre as actividades em que as figuras parentais se envolviam, bem como um maior encorajamento por parte destes. Outros estudos têm revelado ainda a importância do apoio social como um factor importante no desenvolvimento vocacional (Schultheiss, 2007, cit. por Araújo, 2009). Numa investigação levada a cabo por Young, Friesen e Dillabough (1991, cit. por Araújo, 2009), pais e jovens adolescentes identificaram como factores que promovem o desenvolvimento vocacional o encorajamento parental, o envolvimento activo dos pais na vivência escolar e extra-escolar dos filhos, aconselhamento por parte das figuras parentais e o desenvolvimento do sentido de responsabilidade dos filhos.

3.4. A Percepção de pais e filhos em relação à Influência Parental

É certo que muitas investigações têm demonstrado a existência de uma forte influência da família no desenvolvimento vocacional (Palmer & Cochran, 1988; Young, *et al.*, 1994, cit. por Gonçalves, 1997), no entanto, não existe consenso quanto à forma como essas influências são percebidas, sendo os resultados das investigações, muitas vezes, contraditórios. Enquanto Sebal (1986, 1989, cit. por Gonçalves, 1997), na sua investigação constatou que os adolescentes solicitavam, frequentemente, a opinião dos seus pais para a perspetivação do seu projecto vocacional, dando mais importância do que à opinião dos pares, O'Neill *et al.* (1980), por outro lado, concluiu que os adolescentes não possuem uma representação explícita da influência dos pais no planeamento da sua formação, tendo uma maior consideração pela opinião dos pares. No

entanto, estas conclusões podem ter sido influenciadas pelo facto do estudo ter sido realizado apenas com adolescentes. Como já foi referido anteriormente, a adolescência é uma fase de transição para a idade adulta, onde as questões de construção da identidade e de autonomia são imprescindíveis, por isso, o facto dos adolescentes não reconhecerem a influência parental pode ser explicado pela importância que estes dão à sua independência e à afirmação de si próprios relativamente às outras figuras significativas.

Um estudo de Reschke e Knierim (1987, cit. por Gonçalves, 1997), com o objectivo de avaliar a influência dos pais nas escolhas vocacionais dos seus filhos, apresenta a representação de ambos no que respeita ao sentido e conteúdo dessa influência. Os dados obtidos revelaram que os filhos reconheciam que se sentiam influenciados pelos seus pais para realizarem escolhas de formação e profissão que possuam prestígio social. Os filhos afirmaram que a ajuda que desejariam no seu decurso do processo era apoio emocional, transmissão de informação sobre o mundo do trabalho, conhecimento de si próprio e motivação para realizarem os seus projectos vocacionais. Por outro lado, os pais declararam que se sentiam responsáveis pelo encorajamento e suporte moral dos seus filhos no desenvolvimento vocacional, através de apoio emocional e financeiro, proporcionando-lhes condições para que pudessem realizar uma escolha consciente.

Para os adolescentes, os pais são vistos como uma fonte segura de apoio emocional e de aconselhamento, nas várias fases do desenvolvimento, particularmente na vocacional, aderindo às suas opiniões com mais frequência e impacto do que às transmitidas pelos seus amigos e professores (Middleton & Loughhead, 1993; Otto & Call, 1985; Sebal, 1989; Trusty & Watts, 1996, cit. por Gonçalves, 1997).

3.5. A Influência do Estatuto sócio-económico e cultural dos Pais

As investigações neste domínio vêm transmitir a ideia de que o nível cultural e sócio-económico dos pais têm influência na determinação vocacional dos filhos, sendo por isso, um indicador do sucesso, ou insucesso, dos mesmos. Uma vez que os pais visam transmitir aos seus filhos as dimensões que consideram importantes no mundo do trabalho, as representações sócio-profissionais dos pais, como o prestígio, estereótipos relacionados com as profissões e os valores profissionais são transmitidas de forma intencional, ou não, dentro do ambiente familiar. Assim, os pais de níveis sócio-económicos mais elevados valorizam mais a autonomia dos filhos e garantem experiências que vão no sentido da exploração da competitividade, independência e auto-suficiência, por considerarem que o sucesso profissional depende da capacidade de auto-direcção. Contrariamente, os pais de níveis sócio-económicos menos favorecidos dão mais valor a atitudes de obediência na educação dos próprios filhos, um vez que o sucesso profissional parece depender da conformidade à autoridade. Isto leva a que as oportunidades de exploração

vocacional, as expectativas de formação e o sucesso profissional sejam bastante reduzidos (Friesen, 1986; Hoffman, 1984; Imaginário, 1990, cit. por Gonçalves, 1995).

Após esta revisão acerca da influência do estatuto cultural e sócio-económico dos pais, no desenvolvimento vocacional de crianças e adolescentes, torna-se importante referir que nem todos os indivíduos têm as mesmas oportunidades de exploração, isto é, nem todos têm a possibilidade de contactar com a realidade das formações e profissões, através de contactos, experiências e recolha de elementos que parecem ser indispensáveis para a reconstrução dos investimentos vocacionais. Assim, é possível afirmar que, em determinados casos, *“a exploração é um privilégio que resulta de se pertencer a uma família com um determinado estatuto sócio-económico”* (Gonçalves, 1997).

4. CONCLUSÃO

O principal objectivo deste trabalho era explicar a influência que o desenvolvimento vocacional de crianças e adolescentes sofria do contexto familiar.

Para os autores referenciados ao longo do trabalho, o desenvolvimento vocacional era visto como uma dimensão do desenvolvimento psicológico global, pois engloba três princípios necessários para a realização pessoal e a integração psicossocial dos indivíduos: a exploração do mundo da educação ou formação, da qualificação e da preparação para o trabalho (Gonçalves, 1997), ou seja, refere-se ao facto de o indivíduo, ao longo do seu desenvolvimento, se confrontar com sucessivas tarefas ligadas à elaboração, implementação e à reformulação de projectos de vida, onde se interligam a educação, a formação e a qualificação profissional (Gonçalves, 1997).

Apesar de se afirmar que o contexto familiar, especificamente os pais, influenciam de forma explícita ou implícita o desenvolvimento vocacional de crianças e adolescentes, não são ainda conhecidos os processos pelos quais esta influência ocorre, uma vez que as investigações se centram nos resultados finais, como a formação ou profissão escolhidas e o nível de estatuto social alcançado (Grotevant & Cooper, 1988; Young, 1983, cit. por Gonçalves, 1997).

Concluindo, a realização deste trabalho permitiu verificar que existem estruturas familiares que tanto podem facilitar como inibir o desenvolvimento vocacional. Assim, os contextos familiares facilitadores do desenvolvimento vocacional caracterizam-se por ambos os pais se envolverem de forma igual actuando como fonte de suporte afectivo seguro e proporcionarem aos filhos autonomia para que este possam vivenciar experiências qualificadas que promovem o desenvolvimento vocacional (Young e Friesen, 1994, cit. por Gonçalves, 1995).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Araújo, A. (2009). *Antecedentes, dinâmica e conseqüentes do desenvolvimento vocacional na infância*. Tese de Doutoramento. Instituto de Educação e Psicologia, 13 – 117. Universidade do Minho.

Campos, B. (1992). Informação na orientação Profissional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, 5-16.

Gonçalves, C. (1995). Orientação vocacional e família. *Noesis*, Julho – Setembro, 39 – 42.

Gonçalves, C. (1997). *A influência da família no desenvolvimento vocacional de adolescentes e jovens*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 11 – 126. Universidade do Porto.

Gonçalves, C. (2003). Escola e Família: Uma relação necessária e conflitual. In M.E. Costa (Ed.), *Gestão e conflitos na escola*, 97 – 142. Universidade Aberta.

Gonçalves, C. (2006). *A família e a construção de projectos vocacionais de adolescentes e jovens*. Tese de doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Gottfredson, G. (1981). Circumscription and compromise: a developmental theory of occupational aspirations. *Journal of Counseling Psychology*, 28, 545-579.

Marcia, J. (1986). Clinical implications of the identity status approach within psychological development theory. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 23-24.

O'Neil, J., Ohlde, C., Tollefson, N., Barke, C., Piggott, T., e Watts, D. (1980). Factors, correlates, and problem areas affecting career decision making of a cross-sectional sample of students. *Journal of Counseling Psychology*, 27, 571-580.

Ribeiro, R. (2004). Apoio à transição num período de transição. In Taveira, M. (Coord.), *Desenvolvimento vocacional ao longo da vida – Fundamentos, princípios e orientações*, 245 – 251. Coimbra: Livraria Almedina.

Roe, A. (1957). Early determinants of vocational choice. *Journal of Counseling Psychology*, 4, 212-217.

Sousa, C. (2008). *A vinculação aos pais, par romântico e amigos e o desenvolvimento vocacional*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 11 – 17. Universidade do Porto.